

PERCURSOS LITERÁRIOS PELAS VIAS DA GEOGRAFIA LIBERTÁRIA. AQUILINO RIBEIRO NA LISBOA REVOLUCIONÁRIA: 1904 – 1908

Aquilino Machado
Universidade de Lisboa
aquilino.machado@campus.ul.pt

Isabel André
Universidade de Lisboa
isabelandre@campus.ul.pt

Fernando Moreira
Centro de Estudos Geográficos
fernando.moreira@eshte.pt

Percursos literários pelas vias da geografia libertária. Aquilino Ribeiro na Lisboa revolucionária: 1904-1908 (resumo)

A narrativa de muitos escritores reporta-se a determinados territórios sentimentais que servem de base à criação de utopias literárias. Na verdade, através da análise dos seus textos descobrimos o ajustamento ficcional, o simbolismo das representações, o confronto entre os lugares narrados e aquilo que na realidade existe.

Neste artigo, é abordada a paisagem literária que Aquilino Ribeiro projetou para a cidade de Lisboa do princípio do Século XX. As narrativas deste território literário consolidaram-se quando o escritor, ainda no decurso da monarquia, viveu a intensidade contestatária republicana quando a Europa era percorrida por uma onda insurgente, tendo como epicentro o desvelo utópico de um conjunto de ideias libertárias vindas sobretudo de França e Itália.

Palavras-chave: Paisagens literárias; Lisboa; ativismo político; geografia libertária e anarquista

Literary journeys through libertarian geography. Aquilino Ribeiro in revolutionary Lisbon: 1904-1908 (abstract)

The narrative of many writers refers to certain emotional territories that form the basis of symbolic creation of literary utopias. In fact, through the analysis of their texts we discover the fictional adjustment, the symbolism of representations, the confront between the narrated places and what actually exists.

In this paper, we discuss the literary landscape proposed by the writer Aquilino Ribeiro for the city of Lisbon in the early twentieth century, a troubled and revolutionary period. The narrative of this literary territory were consolidated when the writer, even during the monarchy, lived the Republican contestation intensity when Europe was crossed by an insurgent wave, with the epicentre located in the utopian fervour of libertarian ideas coming mainly from France and Italy.

Key words: literary landscapes; Lisbon; political activism; libertarian and anarchist geography

Uma utopia acomoda a transformação dos lugares através da mudança das relações espaço-sociais, sendo especialmente ancorada na justiça e na equidade social e, em grande parte, materializada nos modos de apropriação do espaço público¹. As utopias têm nascido frequentemente nos textos literários ou no cinema², expressões artísticas que – firmadas na imaginação - facilitam a junção do que aparentemente surge desligado. Numa proposta de manifesto sobre o futuro das cidades, Horácio Capel³ defende, no artigo 34º, que “necesitamos utopías y debatir alternativas sobre la forma de organizar la ciudad. El debate es necesario incluso con los movimientos antisistema. La humanidad ha avanzado a través de las disidencias.”

Argumentamos neste texto que as obras de Aquilino Ribeiro prefiguram frequentemente utopias, geograficamente conformadas, nalguns casos realizáveis e realizadas e, noutros, apenas imaginadas. O exercício que aqui apresentamos diz respeito a Lisboa, observada e vivida por Aquilino Ribeiro, salientado o que no início do século XX emergia como sementes da utopia que viria a transformar a cidade.

Aquilino Ribeiro nasceu no dia 13 de Setembro de 1885, em Carregal da Tabosa, concelho de Sernancelhe. Este fascinante epicurista descreveu a sua geografia sentimental, as “Terras do Demo”, demonstrando uma inspirada fidelidade às suas origens: “amenidade e avareza, a colina e o vale, a civilização e a selvajaria. À volta da aldeia em que ergui a minha barraca, no Inverno uivam os lobos ao desafio com o vento, bela fanfarra! Na Primavera alteiam-se do solo pelos caminhos trilhados flores que a botânica dos sábios ainda não teve ocasião de descobrir”⁴.

Reconhecido como uma das figuras cimeiras da literatura portuguesa, viveu arrebatadamente o seu tempo, com rebeldia e inconformismo. Acalentando sempre o culto pela liberdade e uma inabalável confiança na igualdade como caminho irreversível da humanidade. Fez da escrita o seu combate inconformado pelos mais fracos, o que o aproxima bastante dos princípios defendidos por Piotr Kropotkin sobre a importância da igualdade, da cooperação e do combate contra a opressão, nas suas diversas escalas, mas também do pensamento de Élisée Reclus sobre as relações sociais ou territoriais de dominação.

¹ Este artigo integra-se no projeto de investigação ‘ÁGORA - Encontros entre a cidade e as artes: explorando novas urbanidades’, 2016-2019 (PTDC/ATP-GEO/3208/2014), financiado pela FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia.

² Saéz 2010.

³ Capel 2004.

⁴ Ribeiro 1952, discurso proferido no Rio de Janeiro

O roteiro da sua transformação começa em Outubro de 1902, quando Aquilino deixa a sua aldeia. Os seus pais destinam-no à carreira eclesiástica, pois dessa forma escapava a uma destino marcado pela dureza do “solo sáfaro e condenado a dar fruto (...) terra onde os medos andam à solta”. Ingressa no seminário de Beja, inquieta-se, desilude-se, e em dado momento confessa no seu livro de memórias: “que ando aqui a fazer? Surgia no meu espírito ao acordar altas horas da noite”⁵. Expulso do seminário, ruma a Lisboa onde começará a sua faceta de urbanita, cidadão adoptivo da cidade republicana, onde se movimentava tão à vontade como um lisboeta de raiz, com todos os sentidos e espírito abertos para as peculiaridades dos comportamentos humanos gerados nas aglomerações urbanas.

Muito jovem, em Lisboa, trabalhou na tradução de um livro de Kropotkin e, um pouco mais tarde, em Paris, estudou profundamente a obra de Reclus. A obra, a vida e o pensamento geográfico destes autores, conjuntamente com a diversidade de ambientes que sentiu e viveu - das serranias da Beira Interior onde o carácter agreste da natureza molda ideias, passando pelas sonolentas cidades de província, à luminosa e vibrante Lisboa, com todos os seus anunciadores da redenção social e nacional – projetarão Aquilino para o campo da luta pela concretização das grandes utopias societárias que o século XX viu germinar. E, se alguém que nasceu nos “calcanhares do mundo”, entre fragas e tojais, possuía um sentido prático da vida que o afastava do irrealismo dos “amanhãs radiosos”, também é bem verdade que nunca deixou de os ter como horizonte a perseguir, com vivacidade, perseverança e ardor. O seu ex-libris ‘Alcança quem não cansa’ disso nos dá conta.

A influência decisiva dos grandes autores do pensamento libertário na vida e na obra de Aquilino Ribeiro justifica dedicar o capítulo seguinte às principais ideias da Geografia Anarquista e à sua importância na configuração de utopias geograficamente reveladas.

As utopias urbanas na geografia anarquista

“Le rêve de liberté mondiale a cessé d'être une pure utopie philosophique et littéraire, comme il l'était pour les fondateurs des cités du Soleil ou de Jérusalem nouvelles ; il est devenu le but pratique, activement recherché par des multitudes d'hommes”⁶

A viragem do século XIX para o século XX foi percorrida por uma onda insurgente que abarcou a Europa, tendo como epicentro o despertar utópico de um conjunto de ideais libertários. Em França, a Comuna de Paris (1871) representou para muitos o alcançar de uma utopia real, muito efémera, é certo, mas de alcance perdurável nas convicções de muitos libertários. Como nos refere Kristin Ross⁷, o período representou a ideia de uma utopia encarada como “*le mythe, la légende de la Commune comme la première grande révolte ouvrière*”. O cerne desta cartografia libertária seria resumida na obra seminal de Proper-Olivier Lissagaray⁸

⁵ Ribeiro 1972, ed. 2012, p. 84.

⁶ Reclus 1894 (conferência proferida aos membros da loja maçónica ‘Les amies philanthropes’, Bruxelas, 18 de Junho), ed. 2006.

⁷ Ross 2013, p. 72.

⁸ O escritor ‘*communard*’ Lissagaray registou esta passagem no prefácio da segunda edição de *Histoire de Commune de 1871*, ed. 1970, p. 15.

“ce flot révolutionnaire court, ininterrompu, dans notre histoire, tantôt au grand jour, tantôt souterrain, comme ces fleuves qui s’abîment soudainement dans les gouffres ou les sables, pour reparaître bien plus formidables au soleil étonné. Je vais en dire la dernière éruption, et des lacs de boue dégager les eaux vives”.

De uma forma inequívoca, o que metaforicamente se refletiu neste movimento revolucionário foi a emanação do espaço público “onde o simbolismo coletivo se materializou”⁹, como expressão emblemática do combate às injustiças e como lugar de visibilidade contestatária. Com efeito, este capital simbólico de apropriação dos espaços públicos associados à sua memória histórica e territorial, assumiu uma importância determinante por força do trajeto que seguiram. As

“nouvelles sociabilités du quotidien ont trouvé leur place: «associations de voisinage, clubs de femmes, légions de la garde nationale, et, surtout, vie sociale de quartier. [...] Le siège permit l’apparition de nouvelles ambiances, de nouvelles manières de se rencontrer ou de se réunir qui étaient à la fois les produits et les instruments d’une transformation des conduits”¹⁰.

De certa forma, podemos aludir que a Comuna de Paris representou também uma luta nostálgica gravitada em torno de um mundo destruído pelo Barão de Haussmann e, por via disso, uma retaliação daqueles que se sentiram despossados dos seus territórios de afecto.

Na verdade, Paris tinha adotado os princípios do racionalismo urbanístico da cidade burguesa, cuja expressão mais determinada se ficaria a dever a Haussmann, prefeito-urbanista de Napoleão III, promotor de longas e enfileiradas avenidas que no seu traçado e reticularidade se inseriam na visão dimensional e de seriação que emergiu com os princípios do capitalismo e da «Revolução Industrial». Num notabilíssimo texto do final do século XIX, Walter Benjamin¹¹ (2004) refere que a “verdadeira finalidade da obra de Haussmann foi de precaver a cidade contra a guerra civil. Ele queria tornar, definitivamente impossível, a construção de barricadas em Paris”. No entanto, as barricadas foram ressuscitadas pela Comuna de Paris (1871) que conseguiram conjugar uma singular e multitudinária mescla de ações de protesto e celebração, confronto de ideias no espaço público cidadão, disseminando a sua justeza contestatária para outras épocas e para outros territórios urbanos mais amplos. Em dois momentos distintos surgiram assim diversificados territórios de ação política: um primeiro, filiado num modelo de reabilitação urbana, decorrente de objetivos de segurança, avessos à apropriação política, e um outro momento subsequente, tributário de movimentos de contestação que a cartografia das memórias políticas viriam a perpetuar¹². Um e outro não deixam de corresponder às visões e utopias que se vão conjugando na produção da cidade. A diferença encontra-se sobretudo nos objetivos que seguem: Haussman idealizava uma cidade controlada, segura e pacificada, os ‘communards’ uma urbe mais cidadã.

Ora, o rasto desta herança remete-nos para o germe epistemológico da geografia anarquista, já que, para além de todas as formulações ideológicas que dela decorreram, uma parte substancial da ativa rede de geógrafos insurgentes participou na revolução social da Comuna de Paris de 1871. Frederico Ferreti e Philippe Pelletier¹³ sublinham o imbricado trabalho que este colectivo desenvolveu no período de exílio na aldeia suíça de *Saint-Imier*, por força desta

⁹ Borja 2003.

¹⁰ Ross 2013, p. 68.

¹¹ Benjamin 1939, ed. 2001, p.76.

¹² Machado 2012.

¹³ Ferreti e Pelletier 2015.

participação, entre 1870 e 1880, e que conformou visões inovadoras, num alcance de largo espectro de ação política e de vigorosa afirmação científica.

Essa conjugação, que mais tarde se designou como investigação-ação, é-nos apresentada por Ferretti e Pelletier¹⁴, ao ilustrar o labor de intensa singularidade desenvolvido em torno da revista internacionalista *Le Travailleur* e que encontrava também acolhimento no coletivo editorial da *Nouvelle Géographie Universelle*. De certa forma, esta plataforma editorial estimulou o apuramento de uma rede que soube afirmar com suficiente aparato o seu protagonismo na ação política em torno das práticas de libertação social e das relações espaciais de dominação que se estabeleceram entre o final do século XIX e o início do seguinte.

A verve criadora que a rede de geógrafos libertários desenvolveu espelha a crítica acutilante perante os ditames que alicerçavam o darwinismo social e que, no seu entender, justificaria a desigualdade entre os indivíduos e a reprodução das suas organizações societárias, acentuando-se a ideia de que apesar de Kropotkin ser consensualmente celebrado como o pai da teoria da “ajuda mútua”, ela terá tido origem justamente no exílio forçado na Suíça, numa elaboração mais vasta e partilhada com Reclus e Metchnikoff.

Ora, umas das originalidades que se apontam ao trabalho de Reclus advém, justamente, da aplicação geográfica da teoria da “ajuda mútua”, e no facto de o *corpus* de investigação ter gravitado em torno da compreensão da vida dos habitantes e do espaço dos territórios urbanos.

Pelletier¹⁵ convoca o traço inovador da obra de Reclus sublinhando-lhe o mérito que tributou ao estudo das cidades e às premissas que se associam ao seu desenvolvimento, recorrendo a um discurso de grande originalidade para a época, baseado na correspondência entre a concentração urbana e o desenvolvimento conjunto de vários processos, como a sociabilidade humana, designadamente a importância das relações de proximidade e dos laços de vizinhança, bem como a troca de bens e serviços e ainda a segurança psicológica e social. Acentua ainda a ideia de que a evolução de uma cidade se encontrava dependente das condições do meio natural, seguindo as linhas mestras do possibilismo geográfico, mas aponta também, muito precocemente na evolução do pensamento geográfico, para a relação entre diferentes escalas e as soluções que permitem, assim como para o desenvolvimento global da sociedade e da economia e para o papel da política e das respetivas opções administrativas. Reclus, defende que

“chaque ville a son caractère particulier, sa vie personnelle, son aspect physique propre. L’une est gaie et animée, l’autre entretient une mélancolie qui gagne le visiteur. Chaque génération laisse ce caractère à la suivante comme un héritage. Il y a des villes qui vous glacent dès l’entrée tant leur aspect est dur et hostile. Il y en a d’autres où vous êtes gai et léger comme à la vue d’un ami”¹⁶.

Trata-se efetivamente de uma visão da cidade muito peculiar para o seu tempo, mais enquadrada, por exemplo, na geografia humanista desenvolvida nos anos 70 do século XX, onde se destacam autores como Yi-Fu Tuan¹⁷ que tão bem tratou os significados simbólicos

¹⁴ Ferretti e Pelletier 2013.

¹⁵ Pelletier 2007.

¹⁶ Reclus 1895, ed. 1992, p. 166

¹⁷ Tuan 1974 e 1979.

dos lugares, ligados aos valores, às representações e às atitudes. Com efeito, Reclus antecipou bastante esta visão influenciando os seus contemporâneos, sobretudo os não geógrafos.

A sua interpretação é especialmente interessante no traço que desenvolve em torno do alcance simbólico da Comuna de Paris como representação de uma certa utopia cidadina, o renascimento de um espaço de luz e de renovação, projetado na afirmação dos valores da liberdade e do progresso público:

“ce que la république d’Athènes avait été deux mille années auparavant, la république de Florence le fut à son tour ; pour la deuxième fois s’éleva un de ces grands foyers de lumière dont les reflets nous éclairent encore. Ce fut un vrai renouveau de l’humanité. La liberté, l’initiative, et avec elles les sciences, les arts, les lettres, tout ce qu’il y a de bon et de noble dans ce monde se produisit avec un joyeux élan que les générations avaient depuis longtemps perdu”¹⁸.

Como assevera Pelletier¹⁹, ressalta uma ideia central no raciocínio desenvolvido por Reclus, quando procura associar o entendimento dos territórios urbanos ao das comunas autónomas da Flandres e da Toscânia, encontrando acolhimento nos argumentos político-histórico de Kropotkin..

O fim da Comuna de Paris levaria à recomposição estratégica do movimento anarquista internacional. Reclus e Kropotkin demonstram um alargado cepticismo perante as correntes libertárias que evocavam outras utopias constituídas por micro-sociedades anarquistas (“milieux libres”), e onde a dimensão urbana encontrava pouco acolhimento.

Doravante, as reflexões preconizadas por Reclus e Kropotkin recairiam, também, na melhoria das condições sociais das cidades, acompanhando uma linha de raciocínio vinculada às correntes higienistas e ao urbanismo expansivo que as acompanhou. Deste entendimento sobressaia a ideia de que as cidades continham uma intensa desigualdade na sua organização sócio-espacial, disparidade que resultava de um jogo de conflitos forjado entre a burguesia e o Estado, por um lado, e os explorados, por outro, o que impossibilitava a conformação figurada da “cidade ideal”. A propósito da restauração das cidades, Reclus²⁰ afirmava que

“dans une société où les hommes ne sont pas assurés du pain, où les misérables et même les faméliques constituent encore une forte proportion des habitants de chaque grande cité, ce n’est qu’un demi-bien de transformer les quartiers insalubres, si les malheureux qui les habitaient naguère se trouvent expulsés de leurs anciens taudis pour aller en chercher d’autres dans la banlieue et porter plus ou moins loin leurs émanations empoisonnées. Les édiles d’une cite fussent-ils sans exception des hommes d’un goût parfait, chaque restauration ou reconstruction d’édifice se fit-elle d’une manière irréprochable, toutes nos villes n’en offriraient pas moins le pénible et fatal contraste du luxe et de la misère, conséquence nécessaire de l’inégalité, de l’hostilité qui coupent en deux le corps social. Les quartiers somptueux, insolents, ont pour contre-partie des maisons sordides, cachant derrière leurs murs extérieurs, bas et déjetés, des cours suintantes, des amas hideux de pierrailles, de misérables lattes. Même dans les villes dont les administrateurs cherchent à voiler hypocritement toutes les horreurs en les masquant par des clôtures décentes et blanchies, la misère n’en perce pas moins au travers on sent que là derrière, la mort accomplit son œuvre plus cruellement qu’ailleurs.”

Os princípios urbanos defendidos por Reclus encontram-se implícita e explicitamente associados às ideias políticas da *Revolução Social*, que elaborará com a ajuda de Cafiero e Kropotkin, entre outros, e que continham uma ideia de proficiente harmonia entre a cidade e o

¹⁸ Reclus NGU, I, p. 420.

¹⁹ Pelletier 2007

²⁰ Reclus 1905, p.367.

campo, e onde a supressão dos bairros miseráveis se assumia como um aspeto capital. Para o efeito, transparecem algumas premissas associadas ao movimento vulgarmente conhecido por cidade-jardim, particularmente importante no pensamento utópico do século XIX, baseado nos princípios de Ebenezer Howard, sob as quais Reclus²¹ exprimiu o seguinte:

“c'est à ce programme [conformer les villes aux besoins et aux plaisirs de tous, devenir des corps organiques parfaitement sains et beaux] que prétend répondre la ville-jardin. Et de fait, des industriels intelligents, des architectes novateurs ont réussi à créer en Angleterre, où le taudis urbain était le plus hideux, un certain nombre de centres en des conditions aussi parfaitement saines pour le pauvre que pour le riche”

Haveria aqui alguma transversalidade com certos projetos socialistas que defendiam o esbatimento entre os limites da cidade e os espaços rurais quando alude que “tendent à favoriser une déconcentration dans la ville moderne et à ouvrir un peu ses espaces centraux à des activités venues de l'extérieur”²².

Porventura, aquilo que se manifesta é sempre a tentativa de construir um ideal libertário em torno de um projeto social, estribado numa noção de permanente progresso onde a cidade deveria refletir o espírito da sociedade que a criou.

Ora, justamente o problema que conduz à preparação deste artigo diz respeito ao modo como o ideário libertário do escritor Aquilino Ribeiro foi desenvolvido pelo rastro de geografias ficcionais alimentadas por utopias urbanas que permanecem em muitos dos territórios atuais.

É na impregnação entre o vivido e a imaginação/ficção que faremos uso de distintas modalidades de escrita: um romance, um livro de memórias, e ainda um número limitado de crónicas escritas para os jornais da época e uma entrevista dada ao jornal “A Capital”, depois do 5 de Outubro de 1910 (quadro 1). Através deste conjunto de criações literárias procederemos a uma comparação entre o jogo ficcional e a vivência real do espaço que a sua escrita reteve: por um lado, as encenações ficcionadas e as suas personagens que aparentam ser um espelho do próprio escritor (Libório Barradas, do seu romance “Lápides Partidas”) e o próprio Aquilino Ribeiro, nas obras que narram os seus itinerários na cidade de Lisboa.

Quadro 1
Territórios Literários de Aquilino Ribeiro utilizados neste artigo

Lisboa	“Um Escritor Confessa-se”, Memórias. 1972
Revolucionária	“Lápides Partidas”, Romance. 1945
(1904 -1908)	“Ilustração Portuguesa”, Crónica; Jornal “A Capital”

Optámos por utilizar uma grelha de leitura desses textos que permitiu conduzir a análise de conteúdo e organizar as conclusões. Nas várias unidades semânticas dos diversos textos, foram exploradas as seguintes categorias analíticas: (i) intenções e ações; (ii) lugares; (iii) percursos; (iv) protagonistas. Trata-se de uma análise situada, o que implicou a identificação dos contextos, específicos e geral. Os resultados, devidamente circunstanciados, refletem precisamente, com o apoio de cartografia e de infografia, a geografia libertária de Lisboa (1904-1908) narrada por Aquilino Ribeiro, bem como as utopias urbanas que a sustentam.

²¹Reclus 1905, p. 371

²²Reclus 1895, ed. 1992, p. 173

Em consequência, este artigo pretende sobretudo compreender como é que os territórios narrados abarcam e refletem uma geografia libertária e insurgente contida nas paisagens literárias de Lisboa relatadas pelo escritor. Esta reflexão remete para a seguinte questão que estará presente nos capítulos seguintes: que relevância assumem as utopias urbanas nas paisagens literárias de Aquilino Ribeiro sobre uma certa geografia libertária de Lisboa?

Antes de iniciarmos esta pesquisa específica, importa traçar uma breve síntese do contexto nacional e de Lisboa no período revolucionário do início do século XX.

Portugal e Lisboa no início do século XX: as utopias libertárias como construção de uma sociedade mais justa

No dealbar do século XX, Portugal era um País marcado pela vetustidade do seu tecido económico, por uma debilidade crónica das finanças públicas, por uma fortíssima dependência externa e, como é de depreender, por uma estrutura social correspondente: anquilosada, pouco instruída, tradicionalista e amorfa, distante do mundo, relapsa às inovações e preocupada, sobretudo, com a sua sobrevivência quotidiana.

País agrícola por excelência, com uma estrutura agrária totalmente descompensada, balanceada entre o minifúndio somente susceptível de projetar a miséria e sustentar a inanição e o latifúndio das vastas extensões aplanadas do Sul, mal exploradas e pior geridas por uma elite terra tenente muitas das vezes absentista, mesmo assim era da terra que advinha a sua capacidade de intervir nos mercados mundiais em franca e constante abertura. Efetivamente, se crónico importador de cereais panificáveis devido à fraquíssima produtividade das culturas arvenses (muito embora o esforço legislativo levado a cabo nos finais do século XIX pelos governos da monarquia, através das várias leis dos cereais como a de Etelvino de Brito de 1899), o País produzia e exportava um leque de produtos do sector primário que, como o vinho, a cortiça e as frutas, contribuía para arredondar os desequilíbrios da balança comercial²³.

Com uma “viciosa organização da propriedade e do comércio”²⁴ e uma estrutura industrial à qual os ventos da revolução operada no norte da Europa mal tinham feito bulir o peso da manufactura semi-artesanal, Portugal carecia de quase tudo o que a modernidade, lenta mas seguramente, também aqui - e sobretudo nas áreas urbanas conquistadas à modorra e ao conformismo das serranias - associava aos novos padrões de vida: produtos manufacturados e bens de consumo. Efetivamente, para além da indústria do tabaco, nem as fábricas tinham dimensão, nem tecnologias apropriadas, nem mesmo as necessárias infraestruturas de transportes²⁵, capazes de lhes permitir rivalizar com a produção externa e, dessa forma, satisfazer a crescente procura e estancar a sangria das importações oriundas, sobretudo, do Reino Unido.

Emerso numa crise financeira crónica e crescente à medida que as importações acompanhavam o lento descolar do País para a modernidade, agravada pela dependência face

²³ Marques 1980

²⁴ Marques 1980, 21)

²⁵ De acordo com Marques (1980), apesar da modesta posição de Portugal no contexto dos transportes ferroviários (15º lugar na Europa relativamente à extensão quilométrica por 10000 habitantes em 1916) este desenvolvimento tinha feito descurar quase completamente a rede rodoviária, a qual se encontrava em estado calamitoso.

aos países desenvolvidos e suas principais casas bancárias, pelas exportações das mais valias oriundas dos investimentos externos e pela fuga de capitais, Portugal debatia-se com uma crise profunda, oscilante entre uma ambiência decadentista de *'fin-de siècle'* e uma crise de crescimento redentora. Em qualquer dos casos um ecossistema propenso à acentuação do efeito de 'ponto final', com fortes repercussões no ambiente político do País esclarecido e atento, ambivalente entre os “vencidos da vida” e a redenção da luz pátria pós-ultimato.

Mas o Portugal dos finais do século XIX e inícios do século XX era, sobretudo, um País dual, composto por um arquipélago muito escasso de cidades onde a 'luz' se fazia sentir e os ventos da história sopravam mais intensamente, emersas no mar de clericalismo, conformismo e obscurantismo que, na verdade, constituía o mundo rural e que era o esteio do regime monárquico e dos privilégios aristocráticos.

Nas cidades, sobretudo em Lisboa, como já tinha referido Eça de Queiróz²⁶ no seu romance a “Cidade a as Serras” e num contexto completamente diferente, existia a luz que esconde os Astros e Deus, mas que também, como veremos, promove a razão, ilumina os aleijões sociais e lança as pontes para a redenção.

É esta Lisboa onde existe uma concentração da classe média alta composta pelos profissionais liberais visionários, e, sobretudo, de uma classe média plebeia composta por pequenos burgueses empregados no comércio, nos serviços e na administração procurando reconhecimento social, às quais se junta o incipiente operariado em vias de consciencialização, que vai constituir o grande cadinho da mudança política e social que se expressa através da conjugação dos ideários republicanos e libertários²⁷. Maria Filomena Mónica²⁸ menciona que: “Em Lisboa, sede do poder político, os operários revelam-se sempre mais ameaçadores. Um pequeno comércio operário em Lisboa era mais temido do que uma manifestação perdida nos vales da Serra da Estrela”.

Como refere Reclus, numa carta escrita em França depois da sua segunda viagem a Portugal em 1886²⁹, “A anarquia progride por todo o lado. O ano passado havia um só anarquista em Lisboa. Hoje, são já suficientemente numerosos para difundir milhares de brochuras e editar um jornal”.

Na verdade, tenham sido os ecos da revolução de Paris de 1871, aos quais Louise Michel³⁰ dá expressão através da reflexão efectuada no seu livro sobre a Comuna de Paris: “esta época é o prólogo do drama que mudará o eixo das sociedades humanas. As nossas linguagens imperfeitas não conseguem exprimir o espetáculo magnífico e terrível do passado a diluir-se, fundindo-se no futuro a nascer.”, tenha sido a influência provinda de Espanha e da sua forte organização libertária e sindical congregada em torno da Associação Internacional dos Trabalhadores, o campo libertário e anarquista português foi ganhando forma, textura e peso”.

E é neste espectro insubmisso, crescentemente expressivo mas também suficientemente variado nos rumos e nas estratégias, que brotarão as sementes da utopia urbana que alguns pretendem realizar em Lisboa, do intervencionismo anarquista antimonárquico, não como um

²⁶Queiroz 1902, ed 2009

²⁷Rosas 2007

²⁸Mónica 1982, 28

²⁹Madeira 2010

³⁰Michel 1971, 8

fim em si, mas antes como um passo necessário no caminho da libertação³¹, estratégia essa bem representada pela Federação Socialista Livre e pelo seu jornal aderente de Setúbal “A Sementeira”, periódico esse de que Aquilino Ribeiro foi colaborador.

Finalmente, socorrendo-nos das palavras de Edgar Rodrigues³², podemos afirmar que “para a derrocada do regime monárquico-ditatorial muito concorreram os anarquistas com os seus grupos de propaganda e acção.”. No seu seio encontraremos o jovem Aquilino Ribeiro recém chegado a Lisboa e recém introduzido no campo da carbonária anarquista.

A Geografia emocional e ficcional de Aquilino Ribeiro em Lisboa (1904 – 1908). Uma utopia revolucionária no final da monarquia.

A cidade e o confronto com os protagonistas

Aquilino Ribeiro chega a Lisboa em Outubro de 1904. O esforço de aculturação começa por não correr bem, num confronto com uma imagética urbana demasiado e intensamente agreste, para quem tinha como cartografia sentimental um cenário campestre marcado pela aspereza da paisagem granítica.

Desanimado, não consegue arranjar sustento, de nada valendo o seu “latim latão”. Referirá no seu livro de memórias: “Quanto a mim, via-me no cairel como o naufrago que acaba de varar numa riba a pique. Não conhecia ninguém. Carecia de ofício.”³³. Tal desconfiança, este quase desamparo de naufrago, será transposta para o romance “Lápides Partidas”, onde Libório Barradas nos revela um misto de inquietante desproteção e deslumbramento com os encantos misteriosos de Lisboa: “Toda esta paisagem humana, de par que me enchia de estranheza e de turbção dava-me ao mesmo tempo orgulho por me ver ali, encontrar-me a pisar as pedras tantas vezes faladas nos livrinhos que o mestre-escola nos metia a caceta na cachimónia. Logo após a vibração espiritual do primeiro contacto, entraram os sentidos a exercer-se. A que me cheirava Lisboa? (...) Não era o odor das capitais do distrito, meio de murtinhos, meio de cadáver embalsamado, menos que do poço de curtumes. Tão-pouco o das aldeias à roda de S. Francisco: água choca, fumo de rama verde de pinheiro, flor de macela. Era uma fragrância que tinha partículas de metanam pó-de arroz barato, salsugem do mar, ambiente de *afrodision*, e perfume de jardim, um jardim de muitas rosas esflorado pelo vento.”³⁴. Odores da utopia que Aquilino Ribeiro imaginava, onde o mau cheiro da cidade – seguramente frequente - era eclipsado pela imaginação.

Mas é na deriva residencial (figura 1) encenada nos seus livros que inferimos um sentido imanente e categórico que caracterizava a atmosfera conspirativa que ecoava na cidade de Lisboa e, sobretudo, as tributárias utopias revolucionárias que impregnavam os seus territórios. Nesta procurará erguer um caminho de uma sociedade mais justa, sem medo de passar por irrealista, de construir nas nuvens, de arquitectar repúblicas imaginárias³⁵.

³¹ Madeira 2010

³² Rodrigues 1980, 229

³³ Ribeiro 1972, ed. 2012, p. 96

³⁴ Ribeiro 1945, ed. 1969, p. 12, 13

³⁵ Ribeiro 1939

Figura 1
Geografia da Lisboa Revolucionária de Aquilino Ribeiro: a ficção e a vida na construção de uma utopia insurgente



Fonte: elaboração própria

Na verdade, os locais de residência encontram-se condicionados pela sua circunstância social, conformando uma geografia territorial da plebe urbana lisboeta e da pequena burguesia amanuense que habitava as velhas ruelas da cidade antiga. Reside inicialmente na rua do Crucifixo, o mesmo local onde coloca a ação de Libório Barradas personagem fictícia de “Lápides Partidas”, embrenhando-se na vida lisboeta, e especialmente na roda republicana, mercê da sua extrema sociabilidade. A rede de amigos republicanos contava com Humberto Avelar, José Dias e Manuel Buiça, professor de ensino livre, que viria a ser o futuro regicida³⁶. Neste romance, encontramos tipificada esta trama revolucionária: “os comensais da Rua do Crucifixo acabavam todos anti: anticatólicos, antigovernamentais, antiburgueses. Obedeciam ao signo dos tempos. Quando o vírus se fazia acompanhar de certa galhardia moral surgia mesmo o revoltado³⁷. Emerge aqui um dos traços cruciais da utopia urbana, a sua natureza anti hegemónica, almejando mesmo ser uma alternativa aos poderes estabelecidos.

Por dificuldades financeiras, Aquilino Ribeiro regressa novamente à Beira Alta, onde permanece até meados de 1906. Retornando ao tumulto revolucionário da capital, instala-se na rua das Pedras Negras, junto à Sé de Lisboa, partilhando um lúgubre quarto com um insubmisso pseudo-alemão, de nome *Zicker*, de quem Aquilino dirá que “dado o seu temperamento, provavelmente mais assomadoço que o meu, a sua pronta inteligência e o manejo do silogismo e que era destro viemos a ter pegadas homéricas com a escolástica à mistura, próprias das Cuevas de Salamanca³⁸. O sentido e a força das tertúlias pró-

³⁶ Almeida 2003

³⁷ Ribeiro 1945, ed. 1969, p. 78

³⁸ Ribeiro 1972, ed. 2012, p. 163

republicanas acentuam a sua faceta revolucionária e vão fazê-lo participar nos movimentos contestatários anti-institucionais que preparavam a implantação da República. A geografia imaginária acasala-se com a vivência real e leva a transmutar algumas figuras destas tertúlias republicanas para a efabulação romanceada de “Lápides Partidas”: José Dias, João Augusto Ferreira da Silva e Humberto Avelar encontram refúgio em personagens como Tomé da Silveira e Humberto Patarroxa³⁹.

Entendemos que a projeção deste escrutínio residencial sublinha a progressiva intensidade que ressoava no clima revolucionário, quase como um padrão de recrudescimento que o levaria primeiro à prisão, depois a fugir da cárcere, e, finalmente, ao exílio na capital francesa, em 1908. Assim, o jovem revolucionário iniciará esta trama de maior atividade conspirativa com o chamado “episódio da rua do Carreão”, como manufator de bombas⁴⁰. O recrutamento para uma organização clandestina associada à Carbonária dá-se em 1907. Refere no seu livro de memórias que tinha entrado para um grupo a que pertenciam Humberto de Avelar, Raul Pires (...) e o mais assinalado de todos, Alfredo Costa⁴¹, grupo este de “cinco elementos que correspondia a um canteiro, tal como se estruturava a Carbonária de Luz de Almeida”⁴².

Aquilino Ribeiro tinha montado uma oficina bombista no seu quarto, e preparava com outros dois elementos da carbonária, um professor de química de nome Gonçalves Rocha e Belmonte de Lemos, o rastilho para a luta contra a ditadura franquista⁴³. No seu livro de memórias refere que o químico parecia “imprudente e estabanado”, e que quando acompanhava a preparação das bombas se dá a explosão que vitima os seus camaradas revolucionários.

Em “Lápides Partidas” confere, igualmente, um ajustamento ficcional entre os lugares narrados e aquilo que na realidade aconteceu: “a acção revolucionária tinha de jogar todas as armas. Eram precisos explosivos”⁴⁴.

Dirá numa entrevista ao jornal “A Capital”, logo após a Proclamação da Primeira República em 1910, que “nunca tinha feito bombas, apesar das minhas convicções já me terem enfileirado num grupo libertário. Sabia que nesta ocasião, e mercê da preparação do movimento revolucionário do 28 de Janeiro, esse fabrico se alargara a diversos pontos de Lisboa e mesmo fora de Lisboa, e dava-me intimamente com diversos militantes e propagandistas da acção directa”.

O jovem Aquilino passa alguns meses na esquadra do Caminho Novo. Dirá no seu livro de memórias quando era interrogado pelo juiz-corregedor Veiga, “papão dos republicanos e terror dos anarquistas”⁴⁵: “já confessei tudo a V. Exa. Eu sou um serrano em Lisboa... Mal assentei o pé, pus-me a ler Kropotkine e, por desgraça, na minha condição, pobre e desamparado, sem futuro, deixei-me contaminar pelas ideias extremistas”⁴⁶.

³⁹ Almeida 2013

⁴⁰ Vidigal 1986

⁴¹ Ribeiro, 1972, ed. 2012, p. 222

⁴² Vidigal 1986, p. 31

⁴³ João Franco Ferreira Pinto Castelo-Branco (1855-1929), presidente do conselho de ministros do reino entre 1906 e 1908.

⁴⁴ Ribeiro, 1945, ed. 1969, p. 173

⁴⁵ Neto 2010, p. 307

⁴⁶ Ribeiro 1972, ed. 2012, p. 197

Mas numa tirada quase romanesca consegue escapar da prisão: “desci pela rua de Sebastião das Taipas para a Praça da Alegria, e daí, pela antiga Travessa das Vacas, para a Avenida que me pus a subir placidamente. Aquela artéria, pela sua largueza, as suas sombras, o seu arvoredo e recantos, era uma zona quase franca e deserta. Podia recitar Cesário Verde, que só acordaria os pardais empoleirados nas acácias para me ouvir”⁴⁷. Por intermédio de Alfredo Costa, um dos futuros regicidas, refugia-se na Rua Nova do Almada, até conseguir fugir para Paris. A descrição do trajeto revela mais uma vez a idealização da paisagem urbana, a cidade utópica que o escritor quer imaginar.

Procurado por todo lado “encontrava-se “nas águas-furtadas dum prédio pombalino, a 150 metros da Parreirinha pelas escadinhas de S. Francisco, e a menos de 200 do Ministério do Reino, podendo ouvir, se não houvesse interferência acústica das paredes, os espirros do Sr. João Franco”⁴⁸.

Esta intensa geografia emocional encontra-se polvilhada por pinceladas evocativas que nos permitem cartografar uma paisagem literária que parece tirada das páginas de Máximo Gorki, entendido à época como o arquétipo de um modelo revolucionário intelectualmente voluntarioso⁴⁹. No contexto da vivência insurgente de Lisboa, a imagem de Gorki era assumida como revolucionário e intelectual que representava a própria revolta⁵⁰. Na composição da trama revolucionária ligada ao republicanismo radical confessará que “desses ominosos tempos como diziam muito judiciosamente os anarquistas da Bóia, subsistem as corridas que, pelo alarde e o despropósito civilizado, parecem do cinema italiano, à parte o inumano, feroz e lesto, em que tomam parte o merceeiro e o pacote, o sapateiro e o oficial, a capelista e a mulher do lugar, o padre e o sacristão, o passante que vai à sua vida e a devota que vai à missa, no enalço do infeliz que foge diante da fera derrancada dum polícia, e que na impotência em deitar-lhe a unha branda da boca hiante de jacaré: - Agarra, que é ladrão!”⁵¹. É aqui muito bem retratada a utópica vivência de um bairro popular lisboeta há um século atrás., A mistura social que o escritor menciona é certamente um traço exagerado e desejado, próprio das utopias urbanas, mais do que uma realidade observada. Existiria contudo alguma azáfama agitada de trabalhadores e apesar da presença constante da igreja e da polícia, foram sendo semeadas as ideias revolucionárias que permitiram a proclamação da República em 1910, prenunciada dois anos antes com o Regicídio que pôs termo à vida do Rei D. Carlos e à do Príncipe herdeiro D. Luís Filipe.

Os lugares de sociabilidade e de aprendizagem política eram territórios fundamentais na narrativa de Aquilino Ribeiro. Nesta abordagem, deparamo-nos com um homem atento aos ventos de mudança que espessavam as latitudes revolucionárias das primeiras décadas do século XX, e que assentavam numa plêiade de ideais utópicos ligados à construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Um mundo que se agitava, uma vida intensamente vivida por alguém que ambicionava ser um ator ativo do seu tempo, por via de uma ampla apropriação dos espaços de ação política quer se tratasse do bairro e das relações entre vizinhos quer correspondessem aos lugares de encontro, de aprendizagem ou de manifestação. No entanto, as principais âncoras desta cartografia literária situavam-se nos cafés dispostos em torno do Rossio, fervilhantes de visões e simples opiniões utópicas prenunciadoras de intensas mudanças, onde Aquilino Ribeiro fez a sua aprendizagem conspirativa contra a monarquia

⁴⁷ Ribeiro 1972, ed. 2012, p. 245

⁴⁸ Ribeiro 1972, ed. 2012, p. 250

⁴⁹ Almeida 2013

⁵⁰ Vidigal 1986

⁵¹ Ribeiro 1972, ed. 2012, p. 192,193

(figura 2). Esta cartografia de emoções rebeldes centrava-se numa esquadria constituída pela casa de capilé “na face sul do Largo de Camões” a “este o Teatro Normal e de defronte o Café Martinho”⁵². A dois passos situava-se o café Gelo que revelar-se-ia como a “universidade, e a antecâmara permanente da revolução. Cada um tinha os seus clientes, agrupados pela cor das ideias e das gravatas: republicanos, aficionados, poetas, batoteiros, e seria milagre que acampasse por ali um só que não acusasse estigma. Desconhecido que aparecesse era tal um moiro na costa. De mesa para mesa voava a palavra passe: Cuidado pode ser bufo!”⁵³.

Figura 2
Lugares de sociabilidade e aprendizagem política para o debate e construção de utopias libertárias: os Cafés do Rossio



Fonte: elaboração própria

Nesse lugar dará os primeiros passos na Carbonária, encontrará revolucionários, estreitará amizade com aqueles que lhe arranjariam as primeiras traduções de folhetins anarquistas e, um pouco mais tarde, o seu emprego fixo “como colaborador n’A Vanguarda, diário republicano dirigido por Sebastião Magalhães Lima”⁵⁴. É aqui muito evidente a importância dos lugares de encontro e sobretudo dos cafés na geografia revolucionária de Lisboa em vésperas da República. É aí que se travam conhecimentos, que se confrontam ideias e especialmente que se configura uma rede que nutre as visões e sustenta a ação revolucionária

A geografia da ação política (figura 3) exhibe uma representação muito marcante na paisagem literária de Aquilino Ribeiro compelindo-nos a encarar duas perspetivas distintas de aproveitamento do espaço público, a dos trilhos de contestação e a dos percursos de celebração⁵⁵. Na realidade, os territórios de contestação republicana assomavam em torno da Avenida D. Amélia, adjetivando um pendor social associado à pequena burguesia e que terminava no largo do Chile, o qual recebia “de poente, uma ligação ainda irregular a Arroios,

⁵² Ribeiro 1972, ed. 2012, p. 142

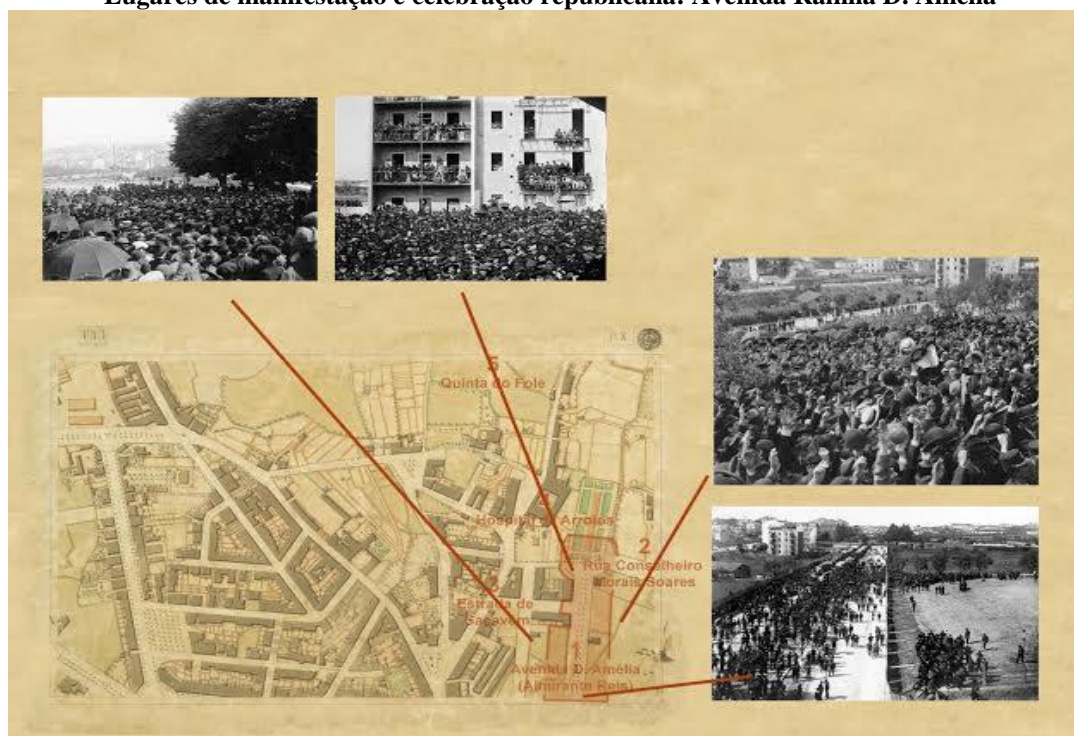
⁵³ Ribeiro 1972, ed. 2012, p. 144

⁵⁴ Vidigal 1986

⁵⁵ Machado 2012

pela estrada de Sacavém confluindo com o caminho de Baixa da Penha e dando ali origem, em 1903, a uma rua que foi nomeada de Morais Soares, agrónomo ilustre”⁵⁶

Figura 3.
Lugares de manifestação e celebração republicana: Avenida Rainha D. Amélia



Fonte: elaboração própria

Aquilino Ribeiro cartografa estas paisagens contestatárias declarando que “os comícios monstros que baldeavam [hoje Almirante Reis], eram sinais pujantes da vaga democrática que açoutava o trono”⁵⁷. Expressa-se aqui a demonstração das resistências e as mensagens que comportam – uma sociedade e uma cidade concebidas segundo a ética republicana.

A vaga de protestos e adjurações rompia o espaço público e entrosava-se nas salas de Lisboa revelando-nos uma intensidade contestatária que disseminava vários verbos e dialectos políticos, como aquela que nos é dada a conhecer e que clamava a “*una voce* contra a fereza do Czar”: “muitos foram os oradores que surgiram a verberar a tirania moscovita, a prantear o mujique, a regar com pipas e pipas de poesia lírica tundras e estepe, todos de punho erguido para o paizinho da Santa Rússia”. Na verdade, como alude Luís Vidigal “a conjuntura política propiciava a junção dos descontentes – e não só por motivos nacionais: os fuzilamentos de S. Petersburgo, em Janeiro de 1905, despoletaram o movimento anti-autocrático na Rússia” (...) e onde era confirmada apenas “a notícia da prisão de Máximo Gorki e de sessenta professores e escritores que estavam encerrados na fortaleza de Pedro e Paulo, correndo rumores de insistentes sobre o seu iminente enforcamento”⁵⁸. Torna-se aqui clara uma narrativa que vai ao encontro de uma vertente crucial das utopias urbanas, a organização das relações de poder e o exercício da autoridade.

⁵⁶ França 2008, p. 632

⁵⁷ Ribeiro 1972, ed. 2012, p. 168

⁵⁸ Vidigal 1986, p. 20

Por vezes, o jovem libertário era assaltado pelo apego à sua geografia sentimental beirã e deambulava pelos arrabaldes da cidade procurando as paisagens que oferecessem a quietude de um “mimo rural”: “nas belas manhãs eu gostava de ir sozinho Avenida fora, trepar ao bocado do sertão, que era o Parque pouco antes baptizado de Eduardo VII, onde via coelhos a correr, pássaros de tanguinho no bico em vias de construir o ninho. Ali a natureza era a autêntica mãe, no seu plano primitivo ou quase. Lá estava no alto uma casa da granja, quadrada e com telha moura, ares de monte alentejano, desdobrada em abegoaria e alpendres, o Casal Ventoso, onde se vendia um copo de leite.”⁵⁹. Projeta-se neste pequeno episódio as suas reminiscências rurais e a forte “emergência do físico e do sensorial, atenção ao instinto e às exigências da natureza, interesse pelas leis biológicas que racionalmente podem governar a vastíssima margem do irracional humano”⁶⁰.

Ao regressar aos seus “romancistas *boulevardiers*” considerava-se crestado do ar alto e arejado dos pulmões encontrando matéria para minuciar topograficamente os recantos do avanço dos princípios da cidade burguesa, à boa maneira das grandes intervenções de *Haussmann* em Paris⁶¹: “Que o aglomerado urbano evoluiu por esse mundo fora, de igual maneira! Quando em todos os países civilizados era princípio assente de saúde e aformoseamento das cidades e arborização intensiva, e, Lisboa que se fazia? Em Lisboa talavam-se todas as quintas, todas as cercas conventuais, todos os logradouros públicos para erguer hediondos prédios, armazéns de gente.” (Ilustração Portuguesa). Perscrute-se neste raciocínio uma crítica acutilante que ganha amparo nas ideias reclusianas de crescente desigualdade na organização sócio-espacial das cidades e de fraca correspondência com as ideias que defendiam o esbatimento entre os limites da cidade e os espaços rurais.

Fica bem patente nos dois parágrafos anteriores a relação urbano-rural que atravessa grande parte dos recortes geográficos utópicos, desde a obra de Thomas More às cidades jardins de Ebenezer Howard ou mais recentemente os ‘telhados verdes’ que brotaram nas cidades alemãs desde os anos 70 do século XX.

Conclusão

Ontem como hoje, as utopias enquanto exegese de múltiplos pensamentos societários, vertidos ou não em formato literário, consubstanciam quadros de desígnios a alcançar, os quais funcionaram – e funcionam - como faróis que, nunca atingíveis porque para lá do horizonte da realidade, continuam a marcar os caminhos rumo à felicidade em sociedades ideais.

Aquilino Ribeiro, como já se afirmou anteriormente, viveu e lutou pela sua utopia para o Século XX e para o devir da humanidade, revelando, também neste particular, o ímpar condão de encontrar o exato ponto de equilíbrio e de harmonia entre campos aparentemente contraditórios e desligados: o ruralismo e o cosmopolitismo; entre a terra (que nunca lhe abandonou as botas) e as asas dos grandes mestres da filosofia francesa e mundial; entre a utopia como referente do bem e a ausência do descanso na sua busca.

Como referiu Fernando Namora na apresentação efectuada ao livro “Aquilino

⁵⁹ Ribeiro 1972, ed. 2012, p. 144, 145

⁶⁰ Seixo 1983, p. 23

⁶¹ Lôbo 1994

Ribeiro”⁶², “caiu a sua prosa viril na literatura pátria como fraguado a despenhar-se num lago de cortesias. Às letras desvitalizadas, sem carácter, e sobretudo medrosas da realidade, faltava esse fluxo silvestre que tecesse heróis de pés assentes na terra, verdadeiros, cheirando ao húmus que os concebera; faltava uma voz portuguesa.”. Diríamos nós, em acréscimo a Namora, faltava a utopia em ação, com toda a distância do farol alcandorado nos penhascos da costa longínqua, mas com toda a luz e a clarividência que emana da sua existência.

E, mesmo nos dias atuais em que as utopias se viram aparentemente escorraçadas pelas frias políticas económicas neoliberais e pelas suas “verdades absolutas e inquestionáveis” em que assenta o atual modelo dominante de organização mundial, como refere Diego Sánchez Meca⁶³: “Nuestro mundo ya globalizado sigue impulsado por una utopía, en sentido literal, que es la del crecimiento económico y tecnológico indefinidos como proceso del que se espera, con mayor o menor conciencia, la solución de todos los problemas que nos plantean nuestras limitaciones físicas y psíquicas, y los retos que surgen de nuestra vida en sociedad”. Ou seja, a utopia, mesmo quando banida dos discursos e das políticas e quando aparentemente deixada à porta da arena social por indesejável traço fantasmagórico de um romantismo societário ultrapassado, está presente. No caso vertente, completamente inalcançável e de generosidade social mais do que duvidosa.

A força dos territórios literários e a intensidade da geografia emocional construídas pelo jovem libertário Aquilino Ribeiro encontram acolhimento nos movimentos de contestação republicana que a cartografia das memórias políticas viria perpetuar. Refluindo a sua rica e impar ação literária constatamos uma sintonia entre identidade territorial urbana e a ficção paisagística. E entendemos que esta projeção literária de Aquilino Ribeiro desempenha um papel determinante na percepção de lugares de memória da Lisboa Republicana que, por força de uma narrativa mitológica, se associam intimamente ao espírito do sítio.

A intensidade das suas convicções libertárias e o ambiente dos lugares onde viveu moldariam o seu espírito insubmisso até ao fim da sua vida. Em 1963, discursando por ocasião das comemorações do 50º aniversário da sua vida literária, disse: “meus queridos camaradas, olhem sempre em frente, olhem para o sol, não tenham medo de errar sendo originais, iconoclastas, o mais anti que puderem, e verdadeiros, fugindo aos velhos caminhos trilhados de pé posto e a todas as conjuras dos velhos do Restelo. Cultivem a inquietação como uma fonte de renascimento. E, enquanto vivermos, façamos de conta que trabalhamos para a eternidade e que tudo o que é produção do nosso espírito fica gravado em bronze para juízes implicáveis julgarem à sua hora”.

Bibliografia

ALMEIDA, Henrique. *Aquilino Ribeiro – O fascínio e a escrita da Terra*. Rota dos Escritores do Século XX. Coimbra: Edição Comissão de Coordenação da Região Centro, 2003.

BENJAMIN, Walter. “Paris, Capital do Século XIX”. *Cidade, Cultura e Globalização*. Oeiras: Celta Editora, 2001, p. 67-82.

BORJA, Jordi. *El espacio público: ciudad y ciudadanía*. Barcelona: Diputació de Barcelona, 2003.

⁶² Namora 1963, 12

⁶³ Meca 2014, p.16

CAPEL, Horacio. El futuro de las ciudades. Una propuesta de manifiesto. *Biblio 3w: revista bibliográfica de geografía y ciencias sociales*, 2004, 9.

FRANÇA, José Augusto. Lisboa: história física e moral. Livros Horizonte, Lisboa, 2009.

FERRETTI, Federico; PELLETIER, Philippe. En los orígenes de la geografía crítica. Espacialidades y relaciones de dominio en la obra de los geógrafos anarquistas Reclus, Kropotkin y Mechnikov. *Germinal Revista de Estudios Libertarios*, 2014, nº 11, p. 57-72.

FERRETTI, Federico. The correspondence between Élisée Reclus and Pétr Kropotkin as a source for the history of geography. *Journal of Historical Geography*, 2012, vol. 37, p. 216-222.

HARVEY, David. *Spaces of Hope*. Edinburgh University Press, 2000.

LEFEBVRE, Henri. *La révolution urbaine*. Gallimard, Paris, 1970.

LISSAGARAY, Prosper-Olivier; DUNOIS, Amédée. Histoire de la Commune de 1871. Maspero, Paris, 1970.

LÔBO, Margarida Souza. Planos de urbanização: época de Duarte Pacheco. Publicações da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, Porto, 1995.

MACHADO, Aquilino. Mobilizações Políticas no Espaço Público de Lisboa, em três momentos do Século XX. *Actas do Colóquio Ibérico de Geografia: Respostas de la Geografía Ibérica a la Crisis Actual*, 2012, p. 642 – 652.

MADEIRA, João. Anarquistas no Dealbar de Novecentos: O Despertar dos Famintos, 2010 (<http://www.esquerda.net/dossier>)

MECA, Diego Sánchez. La utopía del siglo XXI. *Crítica*, 2014, nº 991, p. 14-19.

MICHEL, Louise; DA SILVA CARVALHO, Armando; BRÁS, Clarinda. A comuna. Lisboa: Editorial Presença, 1971.

MÓNICA, Maria Filomena. *A Formação da Classe Operária Portuguesa*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1982.

NAMORA, Fernando. *Aquilino Ribeiro*. Galeria Artis, Lisboa, 1963.

NETO, P. Da Monarquia à República. Tempo, espaço e Aquilino. *Aquilino – Revista Literária da Câmara Municipal de Sernancelhe*, Sernancelhe: 2010, nº 2, p. 300 – 313.

OLIVEIRA MARQUES, António Henrique. *A Primeira República Portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte, 1971.

PELLETIER, Philippe. *La grande ville entre barbarie et civilisation chez Élisée Reclus (1830 – 1905)*, 2007.

QUEIRÓS, Eça. *As cidades e as serras*. Lisboa: Leya Editora, 2009.

RECLUS, Elisée. *L'Anarchie*. Paris: Éditions Marée Noire, 2006.

RECLUS, Elisée. "L'évolution des villes". Traduit en français par Marcel Roncayolo et Thierry Paquot (dir.), *Villes et civilisation urbaine, XVIIIe-XXe*. Paris: Larousse, 1992, p. 158-173.

RECLUS, Élisée. *L'Homme et la Terre*. Paris: Librairie Universelle, 1905.

ROBIC, Marie-Claire. Elisée Reclus visited and revisited. 2006.<halshs-00734128>

RIBEIRO, Aquilino. *Terras do Demo*. Lisboa: Bertrand Editora, 2012.

RIBEIRO, Aquilino. *Um escritor confessa-se*. Lisboa: Bertrand Editora, 2008.

RIBEIRO, Aquilino. *Lápides Partidas*. Lisboa: Bertrand Editora, 1969.

RIBEIRO, Aquilino, *Por Obra e Graça*. Lisboa: Bertrand Editora, 1939.

RODRIGUES, Edgar. O despertar operário em Portugal: 1834-1911. Lisboa: Editora Sementeira, 1980.

ROSAS, Fernando. *Lisboa Revolucionária, Roteiro dos Confrontos Armados no Século XX*. Lisboa: Edições Tinta da China, 2007.

ROSS, Kristin. *Rimbaud, la Commune de Paris et l'invention de l'histoire spatiale*. Les Prairies ordinaires, Paris, 2013.

SÁEZ, Horacio Capel. Urbanización generalizada, derecho a la ciudad y derecho para la ciudad. *Scripta Nova, revista electrónica de geografía y ciencias sociales*, 2010, 14: 7.

SEIXO, M. A. O Exaltante Poder. Relendo Terras do Demo e A Casa Grande de Romarigães. *Colóquio Letras*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983, nº 85, p. 22-31.

SPRINGER, Simon, et al. Reanimating anarchist geographies: A new burst of colour. *Antipode*, 2012, nº 44.5, p. 1591-1604.

SPRINGER, Simon. Anarchism! What geography still ought to be. *Antipode*, 2012, nº 44.5, p. 1605-1624.

STODDART, David Ross. Kropotkin, Reclus, and 'relevant' geography. *Area*, 1975, nº 7.3, p. 188-190.

TUAN, Yi-Fu. *Topophilia*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall, 1974.

TUAN, Yi-Fu. *Space and place: humanistic perspective*. Springer Netherlands, 1979.

VIDIGAL, Luís; RIBEIRO, Aquilino. *O jovem Aquilino Ribeiro: ensaio biográfico e antológico na Lisboa da "belle époque"(1903-1908)*. Lisboa: Livros Horizonte, 1986.

WRIGHT, Erik Olin. *Envisioning real utopias*. London: Verso, 2010.

